Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 206 • Uberaba/MG • de 6 a 12 de maio de 2002

Foto e capa: André Azevedo • • • Modelo: Cícero Francisco

A ABOLIÇÃO QUE AINDA NÃO VEIO

ESCRAVIDÃO E PRECONCEITO PERSISTEM NO SÉCULO XXI

págs. 5, 6 e 7

Roberto Drummond: "O Brasil é uma ficção"

págs. 3 e 4

issuu-downloader.com

Artigo

Final de campeonato

Fernando Machado
4º período de Jornalismo

Existe na alma do brasileiro, do torcedor de futebol em especial, uma aversão terrível à traição, e também uma abjeção ao segundo lugar. Os jogadores de futebol, as prostitutas, os homossexuais, a polícia, os bandidos, as elites, todos, enfim, têm um termo específico para designar pejorativamente a traição. Cada classe tem algum adjetivo para o traidor: traíra, dedo-duro, tratante, vira-folha, etc. Para que uma pessoa seja considerada traidora, no entanto, não é preciso muito, os julgamentos são relâmpagos, muitas vezes instantâneos, basta parecer não louvar a fidelidade. Ou seja, não basta ser fiel, é preciso também, acima de realmente o ser, parecer fiel. A mesma aversão sofre o ateu, também por não parecer fiel, no caso fiel a Deus; ignora-se se ele é fiel a outros princípios. Um político que muda de partido, antes mesmo de explicados os seus porquês, é considerado vira-folha; um jogador ou técnico de futebol que muda de time por dinheiro (claro que sempre envolve dinheiro, afinal são profissionais e vivem daquele salário) precisa de proteção policial para deixar o campo do time que ele abandonou; um torcedor que troca de time, então, é um dos mais odiados; mudar de religião também não é algo visto com bons olhos. Isto talvez venha desde Joaquim Silvério dos Reis, o judas da Conjuração Mineira.

As mudanças de posição social também não são bem aceitas, geram, no mínimo, desconfiança. Uma pessoa que foi rica e "quebrou" muitas vezes é recebida em um bairro pobre não só como quem "quebrou" financeiramente, mas também como se tivesse "quebrado a cara", aprendido uma lição. O ex-pobre que se muda para o bairro rico é tido como intruso que, cedo ou tarde, vai aprender sua lição. As diferenças, as mudanças não são bem quistas.

A Globo Minas, em sua transmissão do jogo da Copa do Brasil, entre Atlético e Brasiliense, trouxe tudo isso a tona ao longo da transmissão e, mais ainda, no segundo tempo, quando o time mineiro precisava de quatro gols para levar a partida para os pênaltis , fazendo uma enquete com a seguinte pergunta: "Porquê o Atlético não chega à final da Copa do Brasil?" Nenhuma das alternativas dizia que era por mérito do Brasiliense e dos outros times que derrotaram o Galo. Não era a primeira vez que o Atlético fazia uma ótima campanha, mas não ganhava o campeonato. Todas as coisas positivas que o time fez e o levou à final são desprezadas. Se um time de futebol faz uma péssima campanha durante uma competição e nem passa perto das finais, é compreensível para o torcedor, provavel-mente nem guardará muito bem na memória aquele campeonato; talvez até venha a esquecê-lo. Mas quando o time faz uma ótima campanha e consegue chegar à final da competição, mas perde o último jogo, o espírito do torcedor se amarga de rancor, maldiz aquele campeonato; este campeonato ele certamente não esquecerá jamais. Além de tudo isso, o Brasiliense é um time pequeno, pobre e com menos de dois anos de existência, que ganhou dos grandes e ricos: ganhou do Fluminense no Maracanã e goleou o Atlético no Mineirão. Logo é um time "enjoado", "intrometido". Pobre em festa de rico, intruso.

Muita gente não vai votar de novo no Lula porque não quer ter outra decepção. Lula já foi duas vezes para a final e perdeu. No Enéias ninguém vota por saber que ele "não tem chance". Copa do Mundo e eleições têm a mesma lógica onde parece melhor votar no que tem mais chance, e que já ganhou outras finais, pois a ilusão que se tem é de que este não vai nos deixar na mão.

OMBUDSMAN

Falso Saber

Newton Luís Mamede

Vimos considerando, com freqüência, neste espaço, sobre o valor do conhecimento científico e a importância da universidade na promoção e consolidação desse conhecimento. Títulos como *O estudo científico*, *A segurança dos conceitos*, *Compromisso com a verdade*, *O saber consolidado*, dentre outros, asseveram nossa preocupação e permanente cuidado com a seriedade e a responsabilidade de que deve estar imbuído aquele que se dedica à pesquisa, à produção e à divulgação do verdadeiro saber de cunho científico.

O caráter de *certo*, que se atribui ao conhecimento científico, não significa sua infalibilidade nem sua imutabilidade. O mesmo se pode afirmar do traço de *verdadeiro*, que também lhe é atribuído por ter no compromisso com a verdade o seu fim primordial e essencial. Sabemos, também, que os resultados do conhecimento científico estão sujeitos a evoluções e, portanto, a retificações, pois o homem, sujeito do conhecimento, não é onisciente. E é a busca constante da verdade que conduz a ciência ao aprimoramento e garante sua legitimidade e sua confiabilidade. A ciência, estádio superior da sabedoria humana, evolui porque é crítica, e, como tal, sabe discernir o certo do errado.

O caráter de *certo*, que se atribui ao conhecimento científico, não significa sua infalibilidade nem sua imutabilidade

Todavia, as *imperfeições* da ciência não significam superficialidade de conceitos nem justificam o descaso e a irresponsabilidade dos "estudiosos". A consciência de que o conhecimento científico não é absoluto não o desmerece nem o inferioriza. Mas também não permite acomodar-se e contentar-se com o superficial, com o conhecimento incompleto, com a "instituição" do erro como verdade e com a divulgação de falso saber. A sofística filosófica e científica não pode ter vez no atual momento histórico da humanidade civilizada e desenvolvida. A consciência crítica do intelecto elevado já não pode aceitar o empirismo que inspira os rábulas da ciência.

O compromisso com a verdade jamais pode ser descuidado nem negligenciado. Principalmente na universidade, sede social, formal e institucional dos estudos científicos. A universidade, escola superior, não pode permitir a estagnação da pesquisa e do conhecimento, nem a proliferação de falsos conceitos escorados no argumento de autoridade dos *detentores* do saber. Muitas vezes, detentores que crescem mais em importância e *status* do que em conhecimento profundo e realmente científico.

É uma realidade, ainda que lamentável, esse falso saber que alastra em todos os meios, oriundo de cabeças pensantes que atuam em universidades. E, mais grave ainda, falso saber que grassa até mesmo dentro da universidade, resultado de imaturidade cultural e científica de alguns estudiosos, sejam docentes, sejam discentes. E essa gravidade chega ao ápice quando os resultados desse falso saber são divulgados, sob forma de entrevistas, de palestras e de publicações em jornais, em revistas e, principalmente, em livros didáticos. Tornamos a afirmar que se trata de lamentável realidade.

A universidade precisa ficar alerta contra esses desvios, sob pena de fugir a seus objetivos e princípios essenciais, e de merecer o descrédito da sociedade.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Distribuição: Assessoria de Imprensa • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8952 • • • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Entrevista Roberto Drummond

"Eu quero a ambigüidade"

Escritor fala de jornalismo, literatura, realidade, ficção e da sua vontade de ser Papa

André Azevedo
1° período de Jornalismo

O escritor mineiro Roberto Drummond é autor de mais de dez livros e ficou mundialmente famoso depois de escrever ***Hilda Furacão****. Ele acaba de lançar mais um romance,* ***O Cheiro de Deus,*** *e a editora Objetiva está relançando seu primeiro livro de contos, o experimental* ***A morte de D.J. em Paris****. O escritor esteve em Uberaba participando de um bate-papo com leitores no auditório da FMTM, atendendo a um convite do projeto Tim Estado de Minas - Grandes Escritores, em parceria com os programas Pró-ler e ArtEducação. A entrevista foi realizada às 11h do dia 3 de maio no hotel Shelton, na presença de Marcelo Andrade, idealizador do ArtEducação, Olga Frange, coordenadora do programa em Uberaba e Juliana Magnino, assessora de imprensa.*

...

Revelação: A literatura fala da alma humana e o jornalismo cobre a prática humana. Será que o jornalismo deve investigar a essência do homem, ou esse papel é só da literatura?

Roberto Drummond: O Jornalismo vive sempre momentos fugazes. Por ser um jornalismo diário, de jornal, televisão ou rádio, está de acordo com o que está acontecendo naquele dia, na véspera. Ele é perecível, mais perecível que uma maçã. Muitas vezes vem dentro do jornal gêneros que são vizinhos da literatura, como a crônica. E há casos históricos. O Hemingway cobrindo a guerra civil da Espanha escreveu um texto para um jornal americano sobre um velho na ponte que depois colocou num livro como um conto. Na verdade *é* um conto e dura até hoje porque ele escreveu como um escritor escreveria.

Revelação: Qual é a relação do jornalismo na sua obra literária?

Drummond: O jornalismo é sempre um auxiliar. Eu diria que é um trabalhador escravo da literatura quando o escritor é também jornalista.

Revelação: Será que o copidesque [técnica de edição que corta o que considera excessos no texto jornalístico] mata a vida no jornalismo?

Drummond: Olha, eu fui da geração copidesque no Binômio, depois na Última Hora mineira, na revista Alterosa e depois na própria "bíblia", que era o Jornal do Brasil. Então eu fui o copidesque do Jornal do Brasil e você não imagina o meu *status*.

André Azevedo

Roberto Drummond ficou mundialmente conhecido depois de publicar o romance "Hilda Furacão"

Depois o Nelson Rodrigues investiu contra o copidesque – com toda a razão – fez várias críticas contra isso.

O *Hilda Furacão* foi escrito como um *anti-copidesque*, porque se eu fizesse um livro à copidesque ele não alcançaria o que eu queria e nem o sucesso que alcançou. Agora, já *O cheiro de deus,* eu escrevi como quem foi copidesque muito tempo porque eu precisava do texto seco, quase no osso da frase.

Revelação: Como Hemingway?

Drummond: Não, não é Hemingway porque a frase é circular. Eu precisava daquela coisa do redemoinho, em plena ação. Precisava de uma coisa magra como um redemoinho. Aquele texto nervoso, tenso, do copidesque do Jornal do Brasil me ajudou muito.

O Brasil é uma ficção. Minas Gerais foi escrita por Deus, Diabo, Shakespeare, Tolstoi e por aí...

Revelação: O *lead* [primeiro parágrafo da notícia onde se coloca a informação principal] foi uma revolução que sua geração fez em relação ao nariz-de-cera [introdução repleta de rodeios e adjetivos]. Entretanto, hoje o *lead* é muito contestado, pois acredita-se que a realidade não cabe dentro daquela forma do quem-que-quando-onde-como-porque. O que acha disso?

Drummond: Eu aprendi uma coisa: não tem verdade absoluta nenhuma. Tem hora que você pode usar o *lead*. Tem hora que você não deve. E acho hoje que aquela revolução foi muito radical, como toda revolução. O chamado nariz-de-cera às vezes era sábio. Até hoje, conforme o texto, você pode fazer um nariz-de-cera misturado com aquele jornalismo mais enxuto.

Se você vai contar uma história policial "boa", você tem que criar suspense. E para criar suspense você não pode fazer *lead* e *sublead*. O Garcia Marquez tem vários livros assim – pois além de um grande escritor é um grande jornalista e um grande repórter – em que ele faz exatamente isso. Tem um sequestro na Colômbia em que ele vai descrevendo pormenorizadamente o dia-a-dia de um personagem até que aconteça o crime.

Como Truman Capote fez em *A sangue frio*. Um crime que teve repercussão enorme, ele foi descrevendo aquilo lentamente, enxutamente, criando um suspense danado. No fim do primeiro capítulo, mesmo conhecendo o crime, você está doido para ler.

Se você for descrever os grandes crimes, se você for contar uma história sobre o Louco do Triângulo, que é...

Revelação: Louco do Triângulo?

Drummond: É um personagem *famosérrimo*. Você não conhece ele não?

Revelação: Não. O que ele fez?

Drummond: Louco do Triângulo era um "louco do Triângulo Mineiro". O único escritor que fez referência a ele fui eu. Ele não foi ainda personagem de livro nenhum. Era um louco que ficava assustando muita gente, apavorando o Triângulo. O Governador era o Francelino [Pereira] ou o Rondom Pacheco. E então a Polícia Militar veio prendê-lo. Fez o cerco ao Louco do Triângulo. E ele já tinha virado lenda. E não o prendiam, e o Estado de Minas falando, o Diário da Tarde também, todos em pânico com o Louco do Triângulo. Aí o governador convocou o chefe da Polícia Militar, e ele explicou que não podia prender o Louco do Triângulo porque: *Governador, na hora que a gente dá voz de prisão ele vira um passarinho. A gente põe numa gaiola ele vira uma onça pintada. Na hora que a gente prepara para dar aquele tiro para fazer a onça dormir ele vira um charuto. E é um perigo, governador, a gente pegar aquele charuto: e se ele virar um tigre na mão da gente?*

Isso foi dito para o governador e saiu nos jornais. Então, se você for contar a história do Louco do Triângulo assim: *era um louco que fez isso, isso, isso...* não dá! Você tem que começar lentamente... descrevendo tudo...

Revelação: A realidade é mais o que percebemos ou mais o que imaginamos?

Drummond: Eu acho que a realidade, no Brasil, é uma ficção. Em qualquer país, também é, mas no Brasil a gente conhece. O Brasil é uma ficção. Minas Gerais foi escrita por Deus, Diabo, Shakespeare, Tolstoi e por aí. Para você ver, aqui mesmo

issuu-downloader.com

em Uberaba o Chico Xavier recebe, do além, textos do Machado de Assis e Dostoievski já traduzido para o português. E é verdade! Você compara o texto. E ele conversa com o além, dá recado, essa coisa toda. E você vai contestar? Vai contestar o Louco do Triângulo, o Zé Arigó que recebia o espírito do Dr. Fritz? Os lobisomens, as mulas-sem-cabeça, essas coisas todas?

Revelação: Parece que essa realidade mágica está muito ligada à percepção de mundo que todos tivemos na infância. Percebi que todo personagem seu, quando sente uma emoção muito forte, normalmente se infantiliza. Será que com esse mundo de fadas, Papai Noel e Bicho-papão, o encantamento da infância é o paraíso mágico que perdemos e buscamos a vida toda?

Drummond: Eu gosto muito dessa sua leitura do problema da infantilização. Eu acho que o homem feliz e a mulher feliz viram crianças. Têm um comportamento de infantilismo. Isso ninguém tinha dito sobre minha obra. Já disseram tudo, tem tese de mestrado, tem coisa inclusive fora do Brasil, mas isso ninguém viu.

Eu acho até que tenho um problema. Quando viajo eu estou *alimentarmente* infantilizado. Tenho que tomar cuidado senão desando a comer chocolate, tudo que me proíbo eu faço (risos). E quando vou ao Mineirão ver jogo – e eu tenho que escrever sobre jogos – eu acabo chupando picolé, comendo chocolate, uma série de coisas. Agora, nisso aí é uma verdade. O personagem é infantilizado e liberto. É a infantilização como libertação.

Revelação: Freud explica?

Drummond: Olha, o Freud tem uma análise antológica – como tudo dele – sobre o problema da infantilização que vários psicanalistas retomaram. Um deles é que a pessoa infantiliza como uma proteção, para se fortalecer para enfrentar as coisas pela frente.

Revelação: Como a Dôia? [personagem de um conto em *A morte de D.J. em Paris*]

Drummond: Ali ela nem infantilizava, ela tem um surto mesmo. Ali eu fui derrotado em uma entrevista, certa vez. Porque a minha análise era política: ela *viu* um Cristo sendo crucificado. Ninguém aceitou. Ainda bem. Mas tem isso, a infantilização libertadora e protetora, como em Freud.

Revelação: E sobre a infantilização como forma de reencantamento do mundo, sua obra tem mesmo essa visão?

Drummond: Talvez, talvez... aí é uma leitura sua que é melhor do que a minha.

Revelação: Será que a realidade é apenas um alicerce para os nossos sonhos?

Drummond: O diabo é que o sonho da gente é um sonho perdido. O presidente da República, a política econômica... Meu próximo livro chama-se *Os mortos não dançam valsa*. É um livro existencialista, mas sobre as coisas simples que a gente não faz, sonhos e quimeras pequenininhos que a gente não faz, porque a gente não tem condições de fazer ou porque a gente depende de um punhado de coisas.

André Azevedo

Roberto Drummond autografou seus livros no encontro com os leitores

Eu te confesso que na minha experiência eu sofri mais com as frases do que com as mulheres

Revelação: As melhores lembranças da vida são os sonhos e ilusões?

Drummond: Ah, isso não. As melhores lembranças da vida são realidade e eu trato disso no *Cheiro de Deus*. Só que passam rápido. É um cavalo bravo, é um beija-flor que chega à felicidade.

Revelação: Mas não seriam os sonhos despertados nesses pequenos momentos que os fazem grandes?

Drummond: Não. Eu acho que sonho é sonho e realidade é realidade. Às vezes a realidade parece um sonho porque é quando você realiza "aquele momento", o momento que o jogador faz o gol, de um ator interpretando bem, de um escritor escrevendo bem e um homem amando uma mulher e vice-versa. A realidade é muito melhor que a ficção.

Revelação: O escritor reúne fragmentos da realidade, reconstrói os trechos em outra sequência e faz literatura. A vivência dessa reconstrução através da leitura vale como se fosse uma experiência da própria realidade, ou é outra coisa?

Drummond: *Cumé que é?*

Revelação: Quando a gente lê um livro e passa-se alguns anos, a memória que fica é tão verdadeira quanto as memórias das coisas vividas?

Drummond: O Mario Vargas Llosa, que é um grande escritor peruano, disse que sofreu mais com a morte da Madame Bovary [personagem de Gustave Flaubert] que de muita gente. Tem livro que você lê e que não esquece nunca. Eu te confesso que na minha experiência eu sofri mais com as frases do que com as mulheres. (risos) Consegui mais o sim das mulheres do que de muitas frases. Tem frases que ainda não consegui o "sim" delas.

Revelação: Nós vivemos, então, numa espécie de limbo entre realidade e ficção?

Drummond: Eu acho o seguinte: por exemplo, eu estou aqui em Uberaba e eu morei em Araxá na década de 50. Então eu vi a região do Triângulo do avião e começei a voltar no tempo... foi um momento feliz, meu pai vivo, minha mãe viva, todo mundo vivo... então eu estou aqui mas lembrando de coisas de lá; daqui a pouco estou vendo a casa onde morava... estou vendo a minha irmã, estou vendo uma chuva que caiu no dia-a-dia e que virou foto... Isso é a realidade. E o Joyce, o Faulkner e a Virginia Wolf trabalharam isso muito bem com ajuda do que o Freud estava fazendo, que é a corrente da consciência. A gente está aqui, mas ao mesmo tempo a gente não está aqui. O Marcelo está ali agora com a mão sobre a mesa mas não sei aonde ele está. Aqui, acho que não. (risos) E isso é maravilhoso.

Minha vida está ótima, tudo até além do que estava planejando como escritor. Cada vez mais, porque é no mundo e não só no Brasil. E no entanto eu gostaria hoje, se eu pudesse fazer uma ilha da fantasia, de voltar para Araxá naquele dia que caiu a chuva.

Então eu fui ficando endividado, porque como pagar cinco terços por cada pecado mortal que eu cometia?

Revelação: Quando você queria ser Papa?

Drummond: É, eu queria ser Papa mas ao mesmo tempo estava com um problema muito sério. Aí que Dostoievski fala que toda vida dá um livro. Mas nesse tempo eu brincava de médico com uma vizinha linda – não vai colocar o nome dela, hein?! A família dela está toda em Araxá! – e eu ficava naquele conflito, e dava injeção de água nela, era maravilhoso, arrepiante até hoje.

Revelação: E quando desistiu de ser o pontífice?

Drummond: Depois eu rompi com Deus, com a religião, e isso é muito cômico porque eu estava devendo tanta missa às almas, (risos) tantos terços e tantas promessas que tinha que cumprir, pois eu era um pecador e o padre da minha terra é aquele que está no Hilda Furacão, o Padre Nelson. Então eu fui ficando endividado, porque como pagar cinco terços por cada pecado mortal que eu cometia? Para o padre Nelson qualquer coisa era pecado. Ele proibia carnaval, proibia festas, alegria, rir – proibiu a dona Nevita de rir – proibiu o decote "bolero" das meninas...

Revelação: (lendo um trecho do livro) Você ainda acha que o diabo só faz o que Deus permite?

Drummond: Isso tá onde?

Revelação: Num diálogo do Hilda Furacão. (pág. 136)

Drummond: Tá no livro é? Quem tá falando isso?

Revelação: (mostrando o trecho para Drummond) É um diálogo entre o você frei Malthus. Foi você quem disse.

Drummond: É... é a opinião desse que está aí no livro... (risos) que sou eu... mas não quer dizer que seja minha... (risos gerais)

Revelação: Quem não conhece sua história pessoal e lê Hilda Furacão sente-se confuso porque não sabe quais trechos são reais e quais são fictícios. Era isso que você queria?

Drummond: Não. Eu queria que todo mundo acreditasse em tudo, como se fosse verdade, que é o propósito de todo escritor. O jornalista não tem isso porque ele quer a certeza do que está contado. Eu quero a dúvida. Eu quero a ambigüidade, aquela coisa que é e que não é.

Revelação: Legal isso. Dá um *lead*.

Drummond: É, dá um *lead*.

Revelação: Não! Dá um título!

Drummond: É mesmo.

issuu-downloader.com

Abolição

Treze de maio leva tradição às ruas da cidade

Dia é marcado por manifestações daqueles que tiveram seus direitos suprimidos

Leonardo Boloni

Leonardo Boloni

O dia 13 de maio é marcado pela confraternização dos ternos

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

Neste dia 13 de maio, comemora-se 104 anos da abolição da escravatura. Em Uberaba a data é lembrada pelos ternos de Congo, Moçambique, Vilão e Afoxé. A comunidade negra da cidade faz deste dia uma manifestação festiva da dita libertação dos escravos. É um dia de comemoração e manifestação pelos poucos direitos dos negros em uma sociedade ainda racista.

Os preparativos para o festejo começaram no sábado da Aleluia com os ensaios dos ternos nos quartéis de cada grupo. O clima familiar predomina durante os ensaios. Velhos, jovens e até crianças de colo se unem num só objetivo: de fazer a melhor apresentação no grande dia (13 de maio). "É tanta gente, que tem que pedir licença para poder entrar. Ali a criança já envolve com o batuque e já quer dançar", ressalta o Capitão das Caixas do Treno Zumbi de Palmares, Júlio César Batista de Paiva, 39 anos. Desta forma a tradição é repassada dos mais velhos para os mais novos, mantendo as raízes culturais e crenças religiosas desses grupos.

A festa em si, é uma representação de coroação do rei do Congo, onde os vários ternos prestam a homenagem aos festeiros do ano. Começa na alvorada do 13 de maio e se estende ao longo do dia, fazendo cortejo da imagem de nossa Senhora do Rosário, protetora dos escravos. Da casa da festeira, onde são prestadas as primeiras homenagens, os ternos se dirigem à praça Santa Terezinha, onde homenageiam a Princesa Isabel, em frente ao busto erguido no local. De lá, seguem até a praça Comendador Quintino, tocando seus instrumentos, cantando e fazendo evoluções que deixam os espectadores curiosos. Nesta praça eles reverenciam a imagem de uma mãe negra com seu filho nos braços. Depois seguem para a igreja São Domingos, onde é realizada uma missa em louvor à Nossa Senhora do Rosário.

Mesmo havendo diferenças entre as origens e funções de cada terno, a devoção à Nossa Senhora do Rosário e homenagens à princesa Isabel e José do Patrocínio, marcam este dia de festa.

O papel dos festeiros é fundamental, são eles quem orientam os grupos e acolhem as sugestões de todos os ternos. "É uma responsabilidade muito grande, temos que nos preocupar com o fardamento, calçados, alimentação, tudo para garantir uma boa festa no dia 13 de maio", disse o festeiro Luiz Marcelo Conceição. A festeira deste ano é Patrícia Jaqueline Teixeira, 19. "É com muita garra e fé que fazemos a festa acontecer".

Mesmo que o dia 13 de maio caia num dia de semana, como é o caso deste ano que será na segunda-feira, a participação dos ternos não é limitada. "Tem gente que até mata serviço e deixa a família em casa, mas não perde a oportunidade de fazer parte da festa", assegura o Capitão Júlio César.

Crenças e origens

Todo terno tem sua história, geralmente ligada à sua crença e raíz. Um dos "caçulas" da cidade é o Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, formado em 98. Ele foi fundado por José Reinaldo Teixeira, devido a uma promessa feita a Nossa Senhora do Rosário em prol da reuperação de sua filha.. "No 13 de maio de 1996, minha filha Patrícia saiu de bicicleta a pedido da avó. Ao descer o morro o freio da bicileta falhou. Foi um acidente feio.", lembra o pai. "Não se sabia quem era a Patrícia ou a bicicleta", completa Júlio. Desde então, José Reinaldo prometeu à Nossa Senhora do Rosário, levantar um terno de Moçambique e mantê-lo durante sete anos. "Quem a viu na época e a vê hoje diz que a Patrícia nasceu de novo". O pai se orgulha mais ainda ao ver que sua filha é a festeira deste ano.

O festeiro Luiz Marcelo também tem uma história de fé por trás de seu envolvimento na tradição. Aos seis meses de idade, precisou se submeter a uma cirurgia no ouvido. Sua mãe fez uma promessa a Nossa Senhora do Rosário, de que se desse tudo certo, ele iria começar a dançar aos sete anos. Marcelo, hoje com 42 anos, é uma pessoa muito envolvida no festejo.

A festa e sua tradição

José Reinaldo Teixeira que também é presidente da Associação de Congada, Moçambique, Vilão e Afoxé de Uberaba, explica que a festa, além de comemorar a libertação dos escravos, é uma manifestação dos negros em relação a sua pseudo liberdade, como faz questão de frisar José Reinaldo. "Nossos antepassados foram libertos, mas não lhes deram um pedaço de terra para plantar ou enxada para que pudessem trabalhar", conta. A falta de trabalho e de oportunidades de desenvolvimento social enfretadas pelos negros após a abolição, fizeram com que muitos optassem por continuar com seus senhores. Nos anos que se seguiram as oportunidades foram cavadas paulatinamente. Hoje a desigualdade ainda persiste. Os negros representam minorias nas faculdades e compõem a grande porcentagem das classes economicamente inferiores.

"Hoje homenageamos àqueles negros que nas senzalas sofreram, nos troncos morreram, e as mães que tiveram seus filhos arrancados para nunca mais vê-los", explica José Reinaldo. De acordo com ele, os negros ainda são cativos, ainda vão para o tronco e são chibatados, de uma forma ou de outra, ainda sofrem os reflexos de seu passado. Por isso, para o General, o dia 13 de maio se transformou em um manifesto. "É uma forma de manifestar festivamente, com alegria, tradição e dignidade. Quando ouvimos uma caixa maiá, a emoção toma conta de nós. É uma coisa incrível", completa.

issuu-downloader.com

Abolição

Discriminação perpétua

Vera Lúcia já foi chamada de empregada da família porque os filhos nasceram brancos

Luciana Souza
7° período de jornalismo

É comum ouvir dizer que no Brasil já não existe mais racismo, preconceito ou discriminação. Ao mesmo tempo é impossível negar o alargamento das diferenças sociais e econômicas sofridas pela sociedade no decorrer dos séculos. Para entender estas diferenças é necessário voltar ao período de colonização do País, para perceber também, que há, através da história a perpetuação da discriminação.

De acordo com a socióloga, Maria das Dores Silva, professora da **Universidade de Uberaba,** a sociedade contribui para que o preconceito seja voltado para os negros. Durante a colonização do Brasil, as terras foram tiradas do poder dos índios, que se viram obrigados a trabalhar. Os negros foram arrancados de sua pátria e trazidos para as Américas - um continente desconhecido, onde não lhes ofereceram nenhuma vantagem.

Mesmo depois da abolição, no dia 13 de maio de 1888, os negros não se libertaram. Data daí, de acordo com a socióloga o período da intensificação do preconceito."O conflito pessoal começa quando a raça branca faz algum tipo de comentário sobre o passado dos índios ou negros, por causa da escravidão", aponta Maria das Dores.

É necessário também, na visão de Maria das Dores, recorrer a Biologia para que o racismo não seja analisado somente no campo ideológico. "Existe uma parte da ciência, também chamada de Racismo, que estuda a mensuração das espécies humanas. São comparados ossos de homens negros com os de brancos, amarelos e vermelhos, para indicar quais são as diferenças entre cada raça", explica.

É exatamente essa mistura de raças que pode causar mudanças na sociedade. O Racismo ou Etnocentrismo, é a característica de um grupo racial que cria conflitos, tentando mostrar-se melhor que os outros. A Sociologia classifica o racismo como uma discriminação ideológica, na qual um grupo considera ter mais qualidades que o outro. "O preconceito é um relativismo individual que resulta em conseqüências graves. As pessoas por acharem que são melhores começam a desmerecer as outras", esclarece.

Para a psicologia, racismo pode gerar certos tipos de patologias nas pessoas discriminadas. A psicóloga Osimar Beatriz Tura, cuja experiência somam-se nove anos de atendimento clínico na cidade de Conquista/MG explicou que as pessoas, quando discriminadas, sofrem um certo isolamento podendo ter como consequência a violência. "Quando alguém está sendo inferiorizado, seja por causa de sua cor ou por sua crença, passa a desenvolver problemas psicológicos. Com isso fica doente ou até mesmo desenvolve um sentimento de raiva, tornando-se violento", exemplifica.

Por volta da década de 70, pessoas negras eram proibidas de entrar no Sacramento Tênis Clube

Mulheres, somente mulheres

Se o preconceito racial proveniente somente da raça já é uma carga pesada para ser carregado por uma pessoa, a situação fica mais complicada quando esta pessoa além de sofrer a discriminação por sua raça a sofre também pelo sexo. É o caso da dona de casa Vera Lúcia Dantas Barbieri, 46 anos, cuja história ilustra bem esta realidade.

fotos: arquivo

Aos 19 anos Vera ficou grávida. Ela então era mulher, negra, órfã e mãe solteira

Vera Lúcia, ou Vera do Gato como é conhecida, nasceu na Bahia, não sabe ao certo a cidade, pois foi registrada em Belo Horizonte/MG. Filha de pais separados, sua mãe ao passar por Sacramento/MG, perguntou à uma família do município se queriam cuidar de Vera, caso contrário a jogaria no rio. Vera então se enquadrava na seguinte situação: mulher, órfã e negra. Sua família adotiva lhe deu todo amor e conforto que podiam, mesmo assim ela cresceu rebelde. Vestia roupas masculinas, cortava os cabelos bem curtos e não deixava que ninguém a ofendesse.

Se acaso alguém a chamava de "preta" ou de órfã, não ficava magoada nem se deixava abalar. "Eu sempre resolvi meus problemas, nunca levei os meus casos para casa, quando era necessário eu até dava um 'coro' nos meninos que tentavam me ofender", declara Vera.

Na época em que morou em Sacramento, por volta da década de 70, pessoas negras eram proibidas de entrar no Sacramento Tênis Clube, que fica localizado em uma das principais ruas do município. Nesta mesma época, ela completou quinze anos e como seu padrinho era uma dos maiores sócios do clube, Vera pode participar do Baile Debutante juntamente com as outras garotas que aniversariavam naquele ano. "Não teve uma pessoa que não tenha me olhado torto naquela festa, afinal, eu era a única 'preta' vestida de dama. As outras garotas eram branquinhas, loirinhas dos olhos azuis, mais nem isso me tirou do salto", afirma. Vera entrou e rodou dançando pelo salão como uma princesa . "Os olhares indiscretos faziam com que eu me achasse mais bonita. As meninas morriam de raiva de meu jeito superior e os garotos estavam doidos para saber quem eu era".

Aos 19 anos Vera ficou grávida dando a luz à um garoto que se chama Alex. Ela então era mulher, negra, órfã e mãe solteira. Sua família lhe deu total apoio, mas a sociedade não perdoou. Ela recebeu ofensas de todos os tipos, mas não se deixou abalar.

Vera, com a neta no colo, ao lado da mãe, do marido e dos filhos

issuu-downloader.com

Com 23 anos casou-se com Alberto Barbieri e teve mais duas filhas. “Por ironia do destino, todos meus filhos são loiros e modéstia à parte, lindos! Aí que o ‘trem’ teve feio! O povo não acreditava que uma mulher da cor negra podia ter filhos ‘bonitos’ e ainda mais, ‘loiros’!”, ironiza.

Hoje ela mora em Conquista e conta diversos casos sobre discriminação. Confessa que já perguntaram a ela se era a babá ou empregada da família quando estava com seus filhos em algum lugar. Quando alguém a chama de preta ou negra ela sorri. “Às vezes até agradeço”. Ela sabe que a cor de uma pessoa não interfere em seu caráter nem em seu comportamento. “O que vale é o que cada um tem dentro de si. Pobres são aqueles que pensam que a raça diferencia uma pessoa das outras”. Vera nunca pensou em entrar na justiça por causa de discriminação, ela disse que naquela época não resolvia muito, então preferia resolver pessoalmente, o que nem sempre é a melhor saída.

A Defesa da Justiça

Em caso de atitude preconceituosa, o ofendido deve procurar orientação e fazer o que é certo: denunciar. O Promotor de Direitos Humanos de Uberaba e professor no curso de Direito da **Universidade de Uberaba,** Emmanuel Aparecido Carapunarla, afirma que, segundo as leis brasileiras, inúmeros comportamentos são considerados racistas. “O crime acontece quando qualquer ato impede um cidadão de fazer ou realizar algo devido à cor de sua pele, sua crença, entre outros casos. As punições não tratam somente de discriminação racial”, aponta Carapunarla.

Para se abrir um processo contra um crime ligado ao preconceito racial, é necessário que se identifique primeiramente o crime praticado. Se for identificado como racismo, basta chegar ao conhecimento das autoridades. “O Ministério Público é obrigado a agir nestes casos de Ação Penal Pública”, esclarece Carapunarla. Se for um crime contra a honra ou religião, a própria pessoa deve iniciar a Ação Penal, porque é privada. As provas devem ser concretas, pois o processo penal aceita qualquer uma, desde que seja lícita, como gravações, depoimentos, documentos, entre outras.

O racismo é um crime inafiançável, ou seja, se for preso em flagrante, o agressor vai aguardar o resultado do processo na cadeia. A pena pode chegar até cinco anos de prisão.

Maria das Dores desabafa esclarecendo que as pessoas devem lutar pela igualdade social a todo custo. Não podem deixar que sejam ofendidos, magoados, destratados. Denunciando, as pessoas vão conseguir o que realmente merecem: igualdade e respeito. “É preciso uma consciência para juntar forças em torno da causa. É preciso agir como um grupo a fim de se libertarem destes atos que diminuem as pessoas na sociedade”, conclui.

André Azevedo

Somos todos escravos

Wagner Ghizzoni Júnior
6º período de Jornalismo

Neste mês é comemorada a Abolição da Escravatura. Bom, tá. Em 1888 a princesa Isabel declarou que os negros não eram obrigados a trabalhar de graça e serem humilhados de todas as formas pelos brancos.

Porém, hoje a realidade é que a escravidão está aí, não só para negros, mas para brancos, amarelos, vermelhos...e não há lei que a impeça. Ao contrário da escravidão dos negros, que era escancarada, esta é uma escravidão silenciosa, que quase não se percebe.

Somos todos escravos. Queremos tomar um suco de laranja, mas a Coca Cola não deixa. Queremos sair e praticar um esporte, mas o Domingo Legal nos impede. Não adianta querer comprar um tênis simples: a sociedade, nossa terrível senhora, nos chicoteia com artistas famosos usando Nike.

Você vai dizer que não é escravo? Pense bem. Será que nunca deixou de comer um pão com queijo para ir ao Mc´Donalds? E aquela caminhada que você queria fazer no outro dia? Ah, é, mas estava passando novela.

AH, você é daqueles que pensam o contrário. Você que é o suserano, que chega numa festa com as roupas da última moda, das melhores grifes, e os vassalos são aqueles que se vestem como querem. Será que é você que tem que olhar com ar de superior para eles?

Existem pouquíssimas pessoas que não se deixam levar pelos valores que a sociedade atual prega. Se você é uma delas, parabéns. Agora, se você já foi um escravo e conseguiu se libertar, mais parabéns ainda, porque isso é muito difícil. Pena que – aposto – as pessoas ao seu redor não são como você.

E é uma pena que este toque que estamos dando não vai chegar a todos os que precisam. A grande maioria não lê o Revelação. Afinal, é algo tão arcaico como assistir à programação da TV Cultura, quando a Casa dos Artistas e o Clone estão lutando pelo primeiro lugar no Ibope!

issuu-downloader.com

Mães
A opção de ser mãe sem crise

Universitária decide dividir os estudos com a maternidade

Ricardo Bavaresco
Wesley Jacinto
7º período de Jornalismo

Dividir as tarefas de casa e a educação dos filhos com o trabalho externo ou o estudo não é novidade para milhares de mães que desde o final do último século avançaram nas conquistas por igualdade. Mas quando a decisão de ser mãe parte de uma jovem universitária, que se dispõe a dividir os estudos com o marido e o filho, o fato muda de figura, ainda mais, quando este filho não foi obra do acaso, mas sim de um planejamento de um casal de universitários.

Estudante do sétimo período de fisioterapia, a catarinense, Talita Berthé Rocha, 23 anos veio para Uberaba há quatro anos, depois de escolher a **Universidade de Uberaba**, juntamente com o marido, Rafael Rocha, 24 anos, estudante de Publicidade e Propaganda. Eles se conheceram em Curitiba, no cursinho, um ano antes de se mudarem para Uberaba. Segundo Talita, desde o início do relacionamento a idéia de ter um filho já passava pela cabeça dela. "Aos 18 anos já tinha o desejo de ser mãe, idealizava uma criança, porém achava que o planejamento seria fundamental", disse.

Apoiada pela família e pelos amigos que encontrou em Uberaba, cidade que ela qualifica como acolhedora, Talita insistiu no sonho. Por dois anos tentou engravidar, sem sucesso. Quando já tinha se conformado em deixar este objetivo para depois da formatura, ficou grávida, no início de 2001. "No momento em que descobri que estava grávida fiquei muito assustada, pois apesar de ter vontade de ser mãe, não esperava naquele momento. Mas, depois do susto, minha gestação foi muito tranqüila e a melhor receita para quem quer ter uma gravidez sem problemas é ter calma, apoio da família e dos amigos". Talita fez questão de ressaltar o apoio recebido dos amigos e dos professores.

Dividir as obrigações de estudante e ser mãe, na cabeça de Talita eram coisas distintas que em momento nenhum ela imaginava que pudesse interferir uma na outra. "Compartilhar a gravidez e os estudos não foi algo difícil. Continuei estudando. O único problema foi com as transformações do corpo, me tornei uma pessoa mais lenta, sentia várias dores e fiquei muito tensa", relembra.

No dia 3 de agosto de 2001 nasceu Arthur Berthé Rocha. Com nove meses, o primogênito contribui para aproximar ainda mais os pais. "O fato de compartilhar os deveres de casa e os estudos é difícil, mas também é compensador. Conciliar todos os afazeres exige muita dedicação. O apoio do marido é muito importante", afirma Talita. "Quando eramos apenas o casal vivíamos um para o outro, mas com a chegada de um bebê passamos a nos dividir para construir uma melhor sintonia na família. O funcionamento da casa passa a girar em torno da criança: a casa tem que estar sempre limpa e temos horários para tudo, pois os atos dos pais interferem no desenvolvimento do filho", completa Rafael.

Ser mãe

Para Talita a tarefa de ser mãe é puro instinto, desde o início. "A partir do momento que se é mãe, a gente aprende a lidar com as atividades", testemunha ela. Deixar o filho em casa para dar seguimento aos estudos, deixa a mãe saudosa, mas ao mesmo tempo ela se tranquiliza por saber que ele está com o pai. Os dois dividem os horários da escola para cuidar do filho. "Nós temos sempre que planejar o tempo, principalmente em relação aos horários da faculdade para decidir quem fica com a criança",

O medo do casal é em relação ao futuro, com a parte desconhecida da vida. As influências externas que o filho possa sofrer e o fato de não poderem dar tudo que pretendem à criança, transformam-se em fantasmas que assustam os pais. E como a preocupação de todo casal é de dar uma boa educação para os filhos, Talita e Rafael já estão pensando nisso. "Pretendo colocá-lo numa escolinha para que ele conheça novas pessoas e tenha um convívio social".

Assim que se formarem Talita, Rafael e Arthur vão para Curitiba. Por enquanto, neste momento, segundo Rafael a universidade é uma das coisas mais importantes já que precisa ter um futuro promissor para proporcionar uma boa condição ao filho. Ele ressaltou que quando se torna pai, surgem novos interesses e a vontade de crescer na vida aumenta.

Ricardo bavaresco

Para Talita, tarefa de ser mãe é puro instinto, desde o início

Noivas trocam maio por dezembro

O mês preferido para o casamento perde o lugar por causa das férias e do 13º salário

Alessandra Mendonça
6º período de Jornalismo

Maio já começou! O mês das mães, também é o mês das noivas. Essa é uma informação que grande parte das pessoas sabem, mas o que não é muito divulgado é o porquê. No site chamado "Guia dos Curiosos" diz que maio foi intitulado mês das noivas por influência da Igreja Católica. Isso porque é o mês da consagração de Maria, mãe de Cristo. A comemoração do dia das mães, no segundo domingo de maio, também contribuiu para a associação com as noivas.

Os tempos mudaram e com eles as condições para se ter um casamento dos sonhos

Como a Igreja Católica tinha muito poder sobre as pessoas, ela instituiu que o quinto mês do ano seria o mais propício para cerimônias religiosas. No entanto, o que acontece hoje, é que maio já não é mais o escolhido pelas mulheres que pretendem se casar. Os tempos mudaram e com eles as condições para se ter um casamento dos sonhos.

Dezembro tornou-se a data mais procurada. Essa mudança foi devida às condições que este mês oferece, como os abonos extras que os trabalhadores ganham no final do ano. O 13º salário é um alívio para quem está gastando muito com vestidos, decoração, festas e seria um complemento para a viagem de lua-de-mel. Este período também coincide com as férias e é bastante festivo por causa das comemorações de fim de ano.

Além de dezembro, há outro mês que desbancou o chamado mês das noivas. Setembro, segundo dados do IBGE, está sendo considerado o segundo mais procurado. Não há justificativas científicas para explicar o motivo da preferência por este período, no entanto, acredita-se que este seria um mês romântico por causa da chegada da primavera, estação das flores.

Como há os meses mais procurados para os enlaces matrimoniais, há os que estão muito longe de se tornarem preferidos. Agosto é, literalmente, o menos cogitado. Em cada 100 cerimônias, apenas 4 são realizadas neste mês. Entre as explicações para o desprezo seria que na Idade Média este era o mês do celibato, ou seja, do solteirismo. Era quase um pecado realizar casamentos neste período. Já a crendice popular diz que não traz boa sorte casar-se no "mês do cachorro louco". Agosto, para completar, fica no inverno, a estação que menos atrai os nubentes.

issuu-downloader.com

Mães

Maternidade precoce

A dura realidade de adolescentes que vacilaram na hora H

Carina Araújo
3º período de Jornalismo

Largar as bonecas para cuidar de bebês de verdade; enfrentar as alterações físicas pouco depois de começar a usar o primeiro sutiã; suportar o preconceito social, a ira dos pais e até o abandono. Esta é a dura realidade enfrentada por um número cada dia maior de adolescentes que engravidam antes dos 18 anos. Os dados do Ministério da Saúde indicam que no ano passado, do total de partos realizados pela rede pública, 25% foram de adolescentes grávidas. Os dados apontam ainda que no ano de 2000, 32,4 mil jovens com menos de 15 anos ficaram grávidas.

O caso de J.R.S. ilustra esta realidade. Aos 12 anos ela ficou grávida depois de manter a primeira relação com o namorado, A.J., 15 anos. Os dois mal sabiam o que eram métodos anticoncepcionais. O resultado do desconhecimento foi o nascimento de L. C., há 4 meses. A adolescente nunca tinha ido a um ginecologista, disse que só foi ao médico quando soube que estava grávida.

A notícia da gravidez assustou J.R.S que revela ter chorado muito quando soube que iria ter um bebê. O motivo de tantas lágrimas, segundo ela, foi o fato de saber que não ia ter mais liberdade para brincar com suas amigas, como fazia antes. A rotina dela mudou não só nas brincadeiras, mas também nas outras atividades diárias. J.R.S. teve que se afastar da escola onde cursava a 6ª série do ensino fundamental.

Além de conviver com os conflitos inter-nos de uma cabeça de criança com o corpo de mulher que precocemente assume a maternidade, J.R.S.. teve que enfrentar a reação dos pais. Segundo a mãe, tanto ela como o marido levaram um choque ao saber da gravidez da filha. "No início fiquei muito chateada com ela, mas agora tenho que dar muito apoio a minha filha", testemunha.

Aos 12 anos ela ficou grávida depois de manter a primeira relação com o namorado, A.J., 15 anos

Abandono

L.T, 17 anos, não teve a mesma sorte que J.R.S que recebeu o apoio dos pais. Um mês depois de conhecer Francisco, 24 anos, ela ficou grávida. "Saí com Francisco apenas para curtir e olha só no que deu. Tive uma gravidez tumultuada, ele não quis saber de mim nem da criança, meus pais me expulsaram de casa, tive que me virar sozinha para cuidar da minha filha, hoje com 1 ano e 2 meses", relata L.T.

Diferente dela, Samira, 18 anos, tirou a sorte grande. Namorou quatro anos com Rogério, hoje seu atual marido. Ela conta que estava cursando o 5º período de fisioterapia quando ficou grávida. "No início assustei, pois o bebê não foi planejado, porém, Rogério e minha família me deram a maior força. Nasceu Felipe e quando ele estava com quatro meses me casei. Não abandonei a faculdade e hoje somos uma família muito feliz", disse Samira.

Leonardo Boloni

40% das mães adolescentes acabam engravidando novamente

Reincidência

Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde revela que 40% das mães adolescentes acabam reincidindo na segunda gravidez. As causas apontadas pelos especialistas estão na falta dos responsáveis orientar as mães precoces sobre os cuidados que devem tomar para evitar que o fato se repita, e o descuido das adolescentes na utilização dos métodos anticoncepcionais.

A participação dos pais para dar força às filhas grávidas pode ser decisivo para o futuro da mãe e do bebê. A psicóloga Aparecida Lima explica que as adolescentes que engravidam cedo, passam por vários distúrbios psicológicos, desde a notícia da gravidez até o nascimento do bebê. Para ela, estes distúrbios são provocados, na maioria das vezes, pela rejeição dos pais. Assim, provoca-se um amadurecimento forçado na mãe. "Para evitar qualquer dano psicológico à mãe e ao bebê, é necessária uma conformaçào urgente de modo a não afetar o estado emocional de ambos", conclui a psicóloga.

Elas

Delegada vence o preconceito

Claudinei Honório
7° período de Jornalismo

Uma mulher que na década de oitenta resolve optar por uma profissão até então dominada apenas pelo sexo oposto, chamou a atenção da sociedade uberabense. Sandra Mara Wazir, 41, era a primeira delegada mulher a assumir a também pioneira delegacia de trânsito da 15ª Delegacia Regional de Polícia.

A hereditariedade de Sandra já anunciava que ela seria diferente para os padrões da época. Do pai ela herdou o sangue libanês e da mãe o austríaco. Viveu uma educação rigorosa mas ao mesmo tempo aberta para o diálogo. Desde cedo aprendeu a dar importância aos valores humanos. O passo para o conhecer o mundo veio um pouco mais tarde. "Quando nós fomos para o mundo já estávamos preparados", completa ela.

Ela é a mais velha dentre os cinco filhos. Com uma diferença de idade muito pequena entre todos, apenas três anos, a união predominou na criação do quinteto, já que a natureza colaborou: quatro entre os cinco, são gêmeos.

Sandra Mara passou a infância na cidade de Conquista (MG), onde a família morava. Mesmo sob o rígido olhar do pai e a austeridade da educação na escola de freiras, ela encontrava tempo e espaço para as molecagens. "Eu era moleca de rua, brincava no rio, coisa que hoje as crianças não fazem" relembra.

"Já tive que usar força física para impor minha autoridade em operações nas ruas"

De menina travessa veio a adolescência tranquila, sem rebeldia. Aos 15 anos, Sandra começou a namorar, mas sempre com alguém da família junto. Aos 16 anos terminou o segundo grau e veio para Uberaba dar continuidade aos estudos. Fez Biologia, logo que terminou, com 20 anos, percebeu que sua grande paixão era Direito.

Sandra deixou a biologia de lado e começou a fazer Direito. "Sempre gostei de ajudar e o Direito me dava uma visão de mundo muito maior". A paixão pelo Direito Penal estava selada e ela decidiu que seguiria o seu sonho e um dia seria delegada de polícia.

A escolha não foi fácil, pois quando se formou em 84, ainda existia um grande reflexo da ditadura. Prestou concurso em 85 e foi aprovada para promotora e delegada. Optou pelo mais polêmico para uma mulher. "Essa fase foi muito difícil, pois de 80 aprovados a única mulher era eu" relembra. Sandra partiu para Belo Horizonte onde receberia todo o treinamento para se tornar delegada de polícia.

Nesta época ela conta que teve que passar por muitas provações, o preconceito pela sua profissão era presente até mesmo dentro da própria casa e com os amigos. Mas nada a desanimava e com o tempo conseguiu mostrar que a sua escolha era normal.

Sandra sabe que é uma profissional de respeito e lida com todas as situações. "Costumo dizer que quando estou na delegacia eu sou a Dr. Sandra, quando saio de lá e estou com meus amigos e familiares sou a Sandra". Ela não brinca em serviço, se estiver na rua mesmo não trabalhado e acontecer algo de errado ela toma todas as providências. "Já tive que usar força física para impor minha autoridade em operações nas ruas, pois os bandidos não davam credibilidade para uma mulher exercendo um cargo que para muitos era de homem", disse.

O casamento e a chegada do filho

Em 91 Sandra que estava morando em Belo Horizonte resolveu voltar a Uberaba. Estava sozinha há algum tempo, pois tinha terminado um relacionamento de oito anos. Em 92 conheceu o promotor Alci Arantes em uma palestra no fórum. Foi amor a primeira vista. Três meses depois os dois estavam se casando.

Dois anos se passaram e ela deu a luz ao único filho, Alci Júnior Arantes, 8 anos, que nasceu de uma gravidez tumultuada. Ela estava gravida de gêmeos, mas acabou perdendo uma das crianças.

Apesar de ser filho único, Sandra procura passar todos os valores da vida para o garoto. A rigidez também faz parte da educação."Nem tanto como foi a minha, mas tenho que ensinar o que é certo". Apesar das dificuldades, ela conseguiu conciliar o trabalho com a criação do filho.

Sandra diz como é ser mãe: "é ter muitas responsabilidades, passar por dificuldades, ser mãe é ser tudo, pois qualquer mãe daria o mundo pelo filho".

issuu-downloader.com

Saúde

Sexo seguro garante vida saudável

Por mais que as campanhas alertem quanto ao risco de contaminação da Aids, a prevenção ainda é um problema

Adriana Amaral Guardieiro
7º período de Jornalismo

Quando se fala em Aids (**S**índrome de **I**munod**e**ficiência **A**dquirida) dois aspectos devem ser considerados de acordo com a médica, Suzana Aparecida Silveira, coordenadora do CTA (Centro de Testagem Anônima) de Uberaba. Segundo ela é preciso avaliar o impacto das campanhas, se elas estão realmente atingindo o público-alvo e observar a melhoria que vem acontecendo no diagnóstico da infecção. "A gente evoluiu muito na detecção e no tratamento da doença, mas a prevenção continua sendo fundamental", completou. A preocupação das autoridades ligadas ao controle de doenças sexualmente transmissíveis aumenta nos períodos de festa, em que a concentração de pessoas é maior, e quando há a mistura de droga e álcool que podem levar à prática do sexo inconseqüente.

Luzia Rosa: "Minha irmã, que é cabeleireira, disse que não cortava mais meu cabelo, porque senão ela ia perder cliente

Conforme as literaturas médicas que tratam da doença, não há riscos de contaminação da Aids através do contato social, familiar e profissional com o soropositivo ou com o doente. Dar a mão, conversar, sentar perto, fazer refeições compartilhando copos e talheres, abraçar e beijar na boca (quando não houver ferimentos em ambos os par-ceiros), tudo isso não oferece riscos, da mesma forma que usar o mesmo banheiro, telefone, ferramentas e outros objetos. As únicas vias de transmissão do vírus HIV são: sangue, esperma, secreção vaginal e leite materno. Saliva, lágrima, suor, urina e líquido amniótico não são considerados meios de transmissão.

Luzia Rosa da Silva tem 51 anos e há seis é portadora do vírus HIV. Depois de cinco anos de relacionamento com um parceiro ela começou a apresentar alguns sintomas da doença, como vômitos e diarréia. Após vinte dias doente, buscou ajuda em um posto de saúde da cidade e foi aconselhada a fazer o exame de HIV. O resultado foi positivo. Antes desse relacionamento em que ela contraiu a doença, Luzia foi casada e teve quatro filhos, todos saudáveis.

Quando descobriu que era portadora do vírus, os irmãos de Luzia, onze ao todo, afastaram-se dela e nunca mais a viram, sendo todos moradores de Uberaba. "Minha irmã, que é cabeleireira, disse que não cortava mais meu cabelo, se não ela ia perder cliente. Aquilo, pra mim, o mundo desabou. Meus filhos também ficaram revoltados, mas eles acabaram entendendo", lembrou.

"Como não tem cura, eu tenho que tomar remédio todo dia e rezar para que meus filhos se cuidem"

A rejeiçaõ da família de Luzia causou-lhe problemas psico-lógicos (esgotamento dos nervos), quando ela foi encaminhada para a Casa do Caminho, onde mora há quatro anos, recebndo alimentação e remédios para o tratamento.

Ela se arrepende de não ter se protegido enquanto tinha relações com o seu parceiro, que morreu um pouco antes de descobrir que tinha Aids. Hoje, ela disse que espera que seus filhos não adquiram a doença. "Como não tem cura, eu tenho que tomar remédio todo dia e rezar para que meus filhos se cuidem", completou.

Luzia é uma das primeiras moradoras da Casa do Caminho. Lá ela encontrou o seu atual parceiro, Luizinho, também portador do vírus. "Mesmo ele tendo Aids, também, a gente transa com camisinha para não misturar as doenças", revelou.

Ao ser questionada sobre o que espera para seu futuro, ela confessou que deseja terminar de construir sua casa de dois cômodos, onde sua filha mora. "Eu gosto muito daqui, da Casa do Caminho, tenho muitos amigos. Não sei se depois de construir minha casa vou ficar aqui ou mudar para lá", afirmou. Além disso, Luzia espera ver seus nove netos crescerem e estudarem

fotos: Adriana Amaral Guardieiro

Vítor Curi, infectologista do Hospital Escola: "A gente sempre fala para a pessoa levar a vida o mais normal possível"

Vida normal

O sonho de Luzia pode ser realizado se ela continuar tomando algumas precauções. De acordo com o infectologista do Hospital Escola, Vítor Guilherme Maluf Curi o portador do vírus deve tomar cuidados especiais. "A gente sempre fala para a pessoa levar a vida o mais normal possível. Ela só não pode é cometer excessos, como ingerir bebida alcóolica, porque interfere no efeito da medicação e deprime o sistema imunológico. Ela também não pode doar sangue e não pode ter relação sexual sem camisinha. O resto, é vida normal".

"A gente sempre fala para a pessoa levar a vida o mais normal possível. Ela só não pode é cometer excessos..."

Depois de mais de 20 anos de pesquisa, a arma contra o vírus HIV ainda não está disponível, mas, hoje, já existem no mundo cerca de 70 estudos, avaliando a eficácia de vacinas em seres humanos. Há 10 anos, existiam apenas dez trabalhos sobre o mesmo assunto.

O primeiro caso no Brasil

O estilista uberabense Marcos Vinícius Resende, o Markito, foi o primeiro caso notificado

O primeiro caso de aids no país foi notificado no ano de 1983, em Uberaba, após a morte do famoso estilista Marcos Vinícius Resende, mais conhecido no mundo da moda como Markito.

Em fevereiro daquele ano, o clínico-geral Paulo Mesquita foi procurado por um homem de 31 anos, branco, solteiro e natural de Uberaba. Doutor Paulo relatou que Markito já apresentava os sintomas há seis meses. "Ele tinha sudorese noturna, febre, diarréia, perda de peso, fadiga e lesões na pele dos membros inferiores". E ainda completou: "Ele me falou que os sintomas apareceram quando ele estava viajando nos Estados Unidos. Ele era bissexual, mas não usava drogas".

O clínico-geral conhecia um pouco sobre a doença. Até então, já haviam sido diagnosticados 1.363 casos nos Estados Unidos. Assim, fez uma série de exames no paciente e uma biópsia em uma das lesões apresentadas na pele. "O quadro do Markito se agravou e ele chegou a ter mais de 20 evacuações diárias. Acho que este foi o primeiro caso diagnosticado da doença no Brasil, mas é bom frisar que ele provavelmente a adquiriu fora de nosso país", afirmou doutor Paulo Mesquita.

A partir da morte de Markito, em 4 de junho de 1983, após dez meses desde o início do aparecimento de sintomas, é que foi declarada a Aids no Brasil. Markito foi para São Paulo fazer um tratamento, que nada adiantou. Depois, ele partiu para Nova York, onde morreu. Seu corpo foi transladado para o Brasil, onde está enterrado.

(A.G.)

issuu-downloader.com

Saúde

Prevenção ao câncer começa após primeira relação

Médico diz que a doença pode ser curada se diagnosticada no início

Fernanda Ribeiro Maximiano
6º período de Jornalismo

O ministério da Saúde faz um investimento sistemático em campanhas de prevenção ao câncer, principalmente o de colo de útero e de mama. Esses dois tipos, de acordo com dados do Inca (Instituto Nacional de Câncer), são os que mais matam as mulheres no Brasil. Para reduzir esta estatística, apenas as campanhas publicitárias não resolvem. Os especialistas chamam a atenção para o controle periódico das mulheres.

Conforme o médico Paulo Nasser, pós-graduado em ginecologia nos Estados Unidos, o tumor quando descoberto na fase inicial torna o tratamento mais simples. "Graças aos testes, as mulheres podem descobrir o tumor ainda na fase inicial. O conselho para as pacientes é não temer e, sempre que possível, fazer exames", disse.

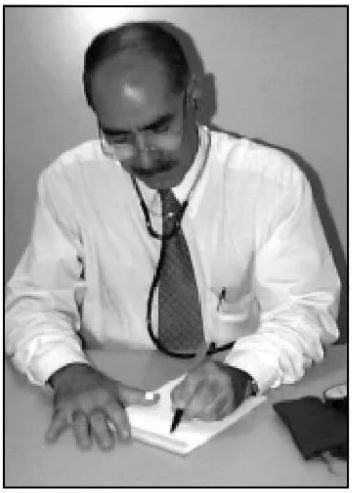
O acompanhamento médico é de grande valia para a descoberta precoce do câncer. As pessoas imaginam que só devem ir ao médico quando sentem dores e esta não é uma verdade. O câncer só vai apresentar sinais quando já estiver em um estágio avançado e na maioria das vezes a cura se torna irreversível. Segundo Nasser, o parâmetro do câncer não é a dor. No caso de câncer do colo de útero, o sangramento é um dos sinais que indicam um quadro alterado da doença.

"O câncer só vai apresentar sinais quando já estiver em um estágio avançado e na maioria das vezes a cura se torna irreversível"

Mudança de hábito

Hoje, o fato de uma menina de quinze anos ter relação sexual é considerado normal, mas há trinta anos isto não acontecia com tanta freqüência. Este é um fator que fez aumentar os casos de câncer de colo do útero, pois o vírus HPV, responsável por um grupo de doenças, é transmitido nas relações sexuais. Tais doenças, se não são bem tratadas ocasionam o câncer. Esta mudança de hábito vem acarretando vários danos à sociedade.

Já quanto ao câncer de mama, Paulo Nasser acredita que um dos fatores que influenciam no seu surgimento é o estresse. Mas ele ressalta também que este tipo de câncer pode ser encontrado em mulheres que fumam, e naquelas que são obesas.



Dr. Paulo: "Conselho para as pacientes é não temer e, sempre que possível, fazer exames"

A notícia

Só de falar na palavra Câncer, as pessoas já associam à morte. A notícia cai como uma bomba para a paciente. Traz depressão, angús-tia, medo sentimentos que só atrapalham o tratamento. Por isso, na hora de dar a notícia, a verdade e o respeito entre paciente e médico devem estar acima de tudo. "O primeiro im-pacto é muito doloroso, tanto para o médico como para o paciente. Pois se eu disser: olha você está com câncer e isto não é nada, o paciente sabe que é mentira. É necessário colocar o assunto dentro de um critério de honestidade", explica o ginecologista.

Nasser acrescentou ainda que a auto-estima é o sentimento que mais precisa ser alimentado num momento como este. E nesta hora o médico deve mostrar os dois lados da moeda. Fazendo uma psico-terapia, mostrando exemplos concretos de pessoas que superaram a doença, e senão, qual foi o motivo.

Nasser disse que a auto-estima é o sentimento que mais precisa ser alimentado num momento como este

A tendência, hoje, de acordo com o médico, é enfrentar o câncer como um problema crônico (como a hipertensão ou a diabete); administrável como a aids (com um coquetel de medicamentos e terapias, dependendo da evolução da doença) e, como em ambas, quanto mais precoce o diagnóstico, melhor. "A idéia é ter em mãos um arsenal específico: se duas ou mais drogas não funcionarem ou se o câncer se tornar resistente a elas, o médico vai dispor de duas ou três alternativas para cercá-lo mais à frente. Trata-se de ganhar tempo", concluiu Nasser.

issuu-downloader.com

domingo no CAMPUS

Um programa diferente para sua manhã de domingo

Dia 19 de maio - 9h
Universidade de Uberaba
Campus II

A Universidade de Uberaba vai abrir suas portas para você curtir um programa diferente junto com sua família. Música, oficina de artes, atividades físicas, rapel, body jump, body combat, grupos de capoeira. Tire sua pressão. Faça um teste de glicemia. Aproveite para conhecer os cursos oferecidos pela Universidade de Uberaba e sua sólida estrutura para o ensino de graduação.

Fundação Cecília Palmério
APRESENTA:

PROJETO ENCONTRO DAS ARTES

Arthur Moreira Lima

Recital de piano às 11h30

Entrada Franca
(Contribuição social 1kg de alimento)

Realização: Fundação Cecília Palmério

Patrocínio cultural: Faber-Castell; Banco Sudameris Brasil

Apoio: Vencer; Universidade de Uberaba – Campus II, Av. Nenê Sabino, 1801, Uberaba MG - 0800 34 3113

issuu-downloader.com